



QUEM COLHERÁ
OS COPOS DE LEITE?
José Antonio Caliman
2026



QUEM COLHERÁ OS COPOS DE LEITE?

Dados Internacionais de Catalogação a Publicação
(CIP)

Quem colherá os Copos de Leite?/ JA Caliman,
Vitória – ES

2026

Jose Antonio Caliman

1 – Contos e Ensaios Brasileiros

Caliman J.A.

Índices para Catálogo Sistemático

- Contos e Ensaios: Literatura brasileira

869:9308



Prefácio

O Copo de Leite, cujo nome científico é *Zantedeschia Aethiopica*, é uma planta ornamental originária da África do Sul e está associada, no imaginário popular à pureza, inocência e beleza. Vive em locais encharcados pois precisa de muita água. Aqui no Brasil é cultivada sobretudo na roça, em escala não comercial, onde é associada aos brejos e alagados tornando sua colheita cansativa e perigosa no tocante à saúde pois produz oxalato de cálcio. Em escala comercial é vendido em floriculturas e faz parte, sobretudo, de cerimônias matrimoniais e religiosas dado ao simbolismo popular.

O copo de leite me remete a execução das profissões das quais vemos o resultado e a beleza do labor, mas, muitas vezes, não nos atemos aos sacrifícios que são feitos para apresentar a pureza e beleza daqueles resultados.

Aqui, minhas lembranças escritas, me lembram a execução de tais trabalhos ou ocupações, não como são executados hoje e sim, como eram, há mais de 50 anos.

São técnicas, instrumentos e práticas que, em alguns casos foram substituídas por máquinas e processos industriais, mas guardam a beleza do labor executado a duras penas, por aqueles que, em maior parte, já se foram para o descanso eterno.

A estes trabalhadores minha singela homenagem através desses relatos.

Jose Antonio Caliman – 2026



QUEM COLHERÁ OS COPOS DE LEITE?

ÍNDICE

- 1 - Sacerdócio
- 2 - Rolando pedras
- 3 - Casas e Currais
- 4 - O domador da Águas
- 5 - A ferro e Fogo
- 6 - No fundo do Rio
- 7 - De grão em Grão
- 8 - Limpo e Passado
- 9 - Quebra Pedra
- 10 - Chamadas a Cobrar
- 11 - A frete
- 12 - O pão nosso de cada dia
- 13 - Caixeiro Viajante
- 14 - O Calceteiro
- 15 - Costurando a Dor
- 16 - Os Vendedores de Tecidos
- 17 - Engraxate
- 18 - O Seleiro
- 19 - Os cantores de porta de loja
- 20- Pão na sacolinha
- 21-A carroça do Leite



QUEM COLHERÁ OS COPOS DE LEITE?

22- O sapateiro

23 - O fotógrafo

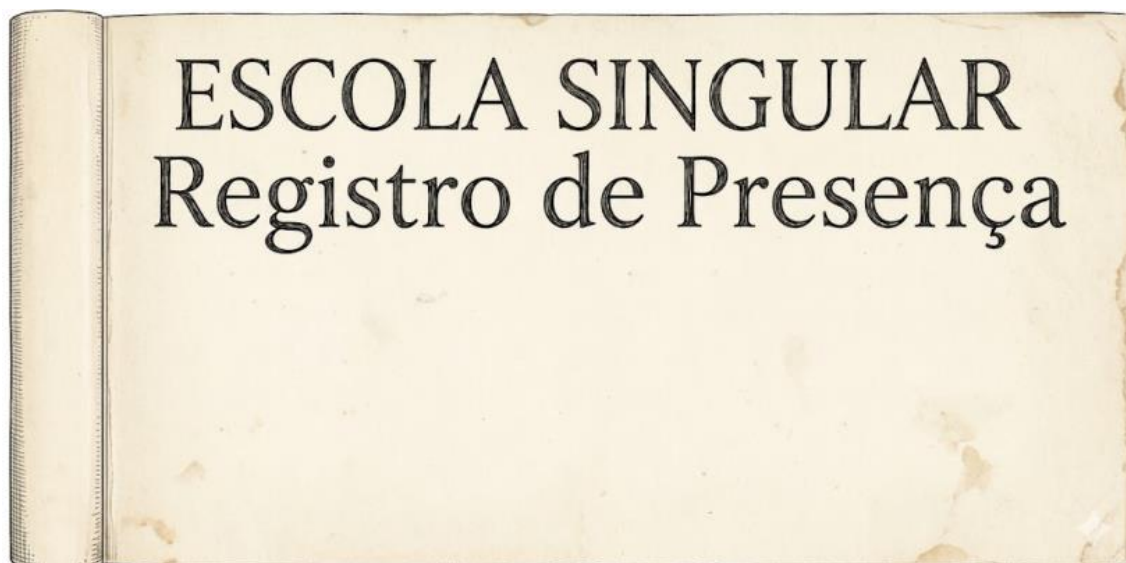
24- Catadores de prendas

25- Os Vigias Noturnos

26 -Os Catadores de Copos de Leite



QUEM COLHERÁ OS COPOS DE LEITE?



1 - SACERDÓCIO

Dedicado aos professores que povoaram minha vida e de outros entre eles, Jaciberá, Isaura Libardi, Celedir Cola, Celedir Barros, Ruth, Altina, Gercy, Abigail, Frezza, Evandro, Joaquina, Itaicy, Pedro Merçon, minhas tias Anastácia, Felicita, Regina e Terezinha, meu irmão Plínio e minhas irmãs Floripes e Lourdes, minha mãe que mesmo sem ter estudado foi uma professora magnífica, entre tantos. Que me perdoem os que não são aqui citados por incompetência de minhas memórias ou por terem sido meus professores em tempos mais atuais, não merecendo por tal respeito nem carinho menor. Dedico especialmente àquelas professoras que abriram mão do conforto de suas casas para ensinar em outros lugares onde, por vezes, nem a cavalo se chegava.

A mala de papelão, cor marrom, padrão de malas da época, já estava arrumada. A despedida se anunciava e os olhos já exibiam as primeiras lágrimas. Logo passaria o carro do leite rumo à roça.

Os anos de estudo, longos anos na Escola Normal formaram a menina que agora se aventurava em seu primeiro emprego, longe da cidade.

O carro do leite enfim ou, em melhor dizer, tristemente chegara e buzinava à porta de casa, lágrimas, abraços,



QUEM COLHERÁ OS COPOS DE LEITE?

beijos, despedidas e "Deus te abençoe" marcaram a saída, a menina recebeu lugar na boléia, reservado especialmente, respeito do motorista.

A cidade foi ficando pra trás e o lenço de enxugar as lágrimas ocupou lugar na bolsa grande, recheada de pertences pessoais. Logo o caminhão alcançou o estradão, terra vermelha, poeirão, buracos e muito chão pela frente, quase duas horas para vencer a estradinha que, em alguns lugares, mal dava para um veículo passar, a "patrola" da prefeitura já estava com dois anos de saudades da estrada e estava lá pelos lados mais frios do município, há mais de seis meses agora, só no fim de ano voltaria para aquela estrada justamente quando choveria mais, um desperdício, diziam os motoristas poucos, que por ali passavam pois passar a máquina na estrada em tempos chuvosos era quase deixa-la como estava.

Eis que na curva, ao pé da montanha o carro para e o motorista anuncia: - É aqui que você desce, Deus te abençoe.

A menina desde e sua mala marrom é passada para as mãos do Senhor que a esperava.

- *Boa tarde, nós tava esperando você, sabe andar a cavalo?*

Ante a resposta afirmativa foi lhe apresentada uma mula ruana, arreio impecável encimado por um acolchoado feito de tiras de pano, provavelmente sobras de costuras trançadas por capricho feminino.

- *O nome dele é Princesa, é mansinha, pode muntá sem susto.*

Ao lado um cavalo baio e uma mula que recebeu a mala na bolsa do arreio e o trio lá se foi picada morro acima, íngreme, mais de meia hora de viagem.



QUEM COLHERÁ OS COPOS DE LEITE?

- A Princesa agora é pra sua serventia em casa nós mostra o pasto donde ela fica.

Na porta da casinha branca, janelas azuis, colunas de madeira bruta, braúna lavrada a machado a dona da casa esperava, três moleques brincando e uma menina no colo. O avental amarrado denotava a lida, o jantar quase pronto, servido à risca, na hora da Ave Maria.

- Tarde, bem-vinda fessora essa aqui agora é sua casa vamü entrando, meu nome é Maria e nós vai trata você como nossa fia.

A professorinha adentrou a sala, piso lisinho, pintado de vermelhão, tudo muito arrumadinho, paninhos bordados em cima da cristaleira, as portas dos quartos fechadas, o cheiro de comida no ar.

-Hoje nós vai come uma galinha gorda, pra comemora a chegada da fessora, entra qui vô te mostra seu quarto. É esse aí, pode abri a porta e fica à vontade, depois mostro o resto da casa.

O quarto destoava do resto da casa pois tinha uma mesa, atenciosamente colocada para a "fessora" escrever suas aulas. Limpíssimo como ela observara, o cheiro de naftalina impregnava o ar. A cama era de madeira pesada, colchão macio talvez de penas. A janela se abria para as montanhas que se avistavam por toda a parte.

A mala foi-lhe entregue e depois de se familiarizar com o quarto, a professora dirigiu-se a cozinha.

-Obrigado Dona Maria pelo quarto e pela pousada espero não incomodar muito.

-Incomoda não fessora, João tá alegre qui só, ele também qué aprende a lê inté eu quero só não sei se cabe na minha cabeça essa tar de letra. – Oia, ali tem o quartim qui tem um chuveiro quenti, João mandou colocar uma tar de serpentina que esquentá a água quando o fogão tá aceso,



QUEM COLHERÁ OS COPOS DE LEITE?

quando quis é se lava é só abri as tornera com cuidado pra num se quem aqui a água esquentar pra valê. Amanhã Joao vai arria a Princesa pra senhora ir pra escola, fica umas légua longe daqui.

A professora tratou de acalmar seus temores pois não esperava ter que ir a cavalo todo dia para a escola, imagine quando chovesse.

O tempo passa lento naquelas paragens montanhosas e foi quase um susto quando a professora percebeu que haviam chegado as férias. Tinha se acostumado com a casinha limpa, a comidinha gostosa de fogão de lenha e a bondade e o respeito da gente simples com quem convivia. A escola era ao lado da capela onde, aos domingos, era feita a reza já que o padre só passava por lá uma vez por ano e olhe lá.

Acostumara-se também à Princesa que mansamente a atendia. Pela manhã, com a espiga de milho na mão ia até ao pasto e o animal se aproximava e recebia sua comida e o cabresto lhe era lançado por sobre o pescoço. No começo, seu João arreava o animal, mas, por insistência da professora, ele lhe havia ensinado a fazer este trabalho já que seu João tinha que perder horário de serviço para fazê-lo. Assim, as sete horas, já de café tomado, arreava a Princesa e tomava rumo da Escola, as oito a garotada já estava em frente a Capela, no pasto em perfeita algazarra e brincadeiras. Tão logo ela chegava dirigiam-se rápido para a sala de aula.

O ritual era sempre o mesmo, a oração de bom dia, o cantar do Hino Nacional e o início das aulas. Somente duas turmas de manhã e duas de tarde entremeadas pelo almoço que Dona Maria preparara e estava em duas marmitas uma para os quentes e outra para as folhas, à parte, uma fruta ou um pedaço de doce caseiro.

Assim, a vida da "fessora", morando de favor em uma casa que, gentilmente, oferecera pousada e labutando com os pirralhos e os adultos. Seu João e Dona Maria já escreviam



QUEM COLHERÁ OS COPOS DE LEITE?

as primeiras frases, Dona Maria bem mais adiantada já que, enquanto lidava com a comida também prestava atenção nas lições, coisa impossível para seu João, em sua lida de enxadão, enxada foice, machado e facão.

Hoje a professora levantou mais cedo, já as quatro da matina fora ao "quartim" tomou um banho morno e vestiu um belo vestido às seis e trinta o carro do leite passaria no estradão. E lá se foi ela ladeada por Dona Maria, montada no cavalo baio que traria a princesa de volta.

Na despedida Dona Maria lhe passa um embornal, fubá de milho fininho e goiabas amarelinhas.

-É pra senhora sua mãe "fessora"

- Precisava não Dona Maria, obrigado. Respondeu a professora dando um abraço em Maria.

O carro do leite parou, a mala foi alçada à carroceria e a porta do carona aberta.

-Dia " fessora" comu tem passado? Perguntou o motorista,

-Muito bem, seu João e Dona Maria me acolheram com muito amor e carinho, e viraram até alunos, já estão até lendo e escrevendo.

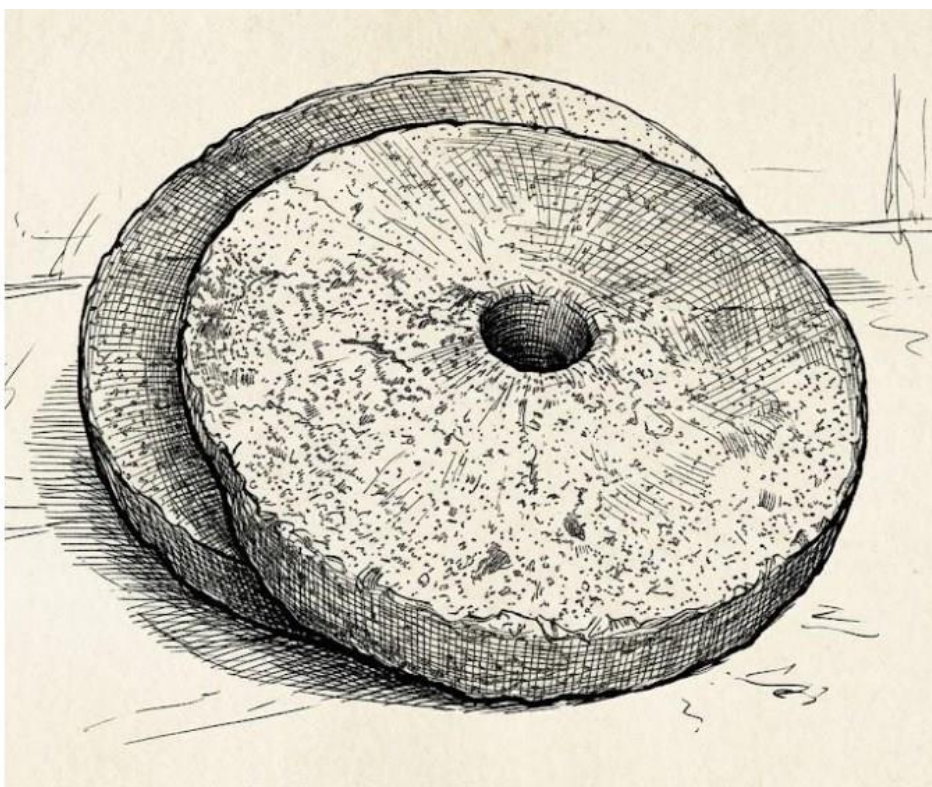
- Eita, disse o motorista, - Quem diria.

E o carro tomou rumo pra Cidade onde a professora passaria suas férias e faria a apresentação de seu trabalho na Prefeitura.

Em casa matava a saudade da família e engordava outra da roça que provavelmente, frequentaria por mais ano e meio, até que o concurso de remoção a fixasse mais perto da cidade e que lhe trouxesse saudades de sua primeira escolinha rural.



QUEM COLHERÁ OS COPOS DE LEITE?



2 - ROLANDO PEDRAS

Em memória a Seu Gregório Craversan que esculpia as pedras de moinho como se jóias fossem.

À beira rio, além das enchentes, muita coisa acontecia, as lavadeiras, os meninos pescando e as pedras rolando. Não falo daquelas pequenas de fundo de rio e sim de outras robustas, granito esbranquiçado que se espalhavam por ali em profusão e tamanhos variados.

O sol escaldante brilhava no dorso suado do trabalhador, vagorosamente o bloco de pedra era virado e colocado em cima de uma espécie de mesa baixa, quase rés do chão. Teimosamente o suor descia no rosto e pingava por sobre a



QUEM COLHERÁ OS COPOS DE LEITE?

pedra até que, enfim, com auxílio de alavancas, era colocada em posição sobre a mesa.

O lápis de carpinteiro, toscamente apontado, delineava as linhas de corte iniciais e o ponteiro de aço logo começava a traçar o corte. Ação cuidadosa, pois, se a pancada fosse mais forte, a pedra poderia trincar e estragar a peça. Lentamente o caminho arredondado fora traçado e, a partir dele o corte chanfrado era iniciado, pancadas ritmadas de maço arredondado, uma espécie de martelo sem unha e sem cabeça, em qualquer posição que batesse, funcionava.

Muitas horas de labuta e suor depois e a pedra exibia contornos arredondados mais parecida com uma roda logo o desbaste cuidadoso começaria com um outro ponteiro de aço não sem antes a pedra ter sido virada e os dois lados apresentarem a mesma circunferência. O ponteiro às vezes soltava faíscas no contato da pedra e as pancadas produziam pequenas depressões dando acabamento à pedra. Após as primeiras intervenções o furo no meio da pedra, já marcado com ajuda de um compasso tosco e pesado era habilmente escavado, atravessaria a pedra, lado a lado e o ponteiro mais comprido fazia seu trabalho, apanhando do maço e perfurando a pedra. Os cuidados com o furo eram mais que essenciais, o bloco não poderia sofrer rachaduras e o furo não poderia ser maior ou menor, tinha que ser exato.

Feito o furo, a pedra lentamente foi desbastada até que, finalmente recebeu o acabamento em suas arestas tornando-a arredondada. A água jogada por cima e espalhada pelas mãos calosas do trabalhador revelava os veios do granito e a maestria do trabalho mostrando as pequeninas escamas talhadas com o ponteiro.

A pedra já trabalhada era retirada da mesa que receberia outro bloco que desta feita, receberia cuidados diferentes. Primeiro o desbaste superior e inferior dando altura igual à primeira depois, ao invés das marcas habituais, era



QUEM COLHERÁ OS COPOS DE LEITE?

colocada sobre ela a pedra já trabalhada servindo de molde para as marcações pois deveriam ter o mesmo tamanho. Círculo e furo delimitados pelo lápis e o trabalho era reiniciado depois de retirada a pedra já lavrada. O processo era quase o mesmo e com esforço as duas pedras ficaram quase iguais, com exceção dos detalhes de concavidade de cada uma.

As duas pedras eram então colocadas lado a lado e o trabalho se reiniciaria com outros blocos. Os tamanhos eram diversos, observados os tamanhos dos blocos não desbastados, as pedras apresentavam tamanhos variados, só igualadas aos pares, depois de talhadas.

Logo o montador viria buscar o par encomendado que seria depois montado em seus suportes de madeira, encimados por um largo funil onde o milho seria depositado.

Lá na fazenda o trabalho inicial fora executado, o riozinho desviado em longa calha empurraria o hélice que transmitisse força para a rotação das pedras. Moinho montado, os primeiros grãos de milho começavam a cair pela pequena calha que era precedida por uma pequena válvula de madeira que, com o ritmo balançado do suporte abria e fechava-se deixando pequenas quantidades de grãos caírem no buraco das pedras onde era transferido automaticamente para o meio delas e quebrado e o cheiro do milho moído impregnava a pequena construção do moinho que logo produziria o fubá fininho que se espalhava também pelo ar.

Lá, à beira rio, antes de começar a talhar um novo bloco, o trabalhador dedicava-se a saborear uma deliciosa polenta amarelinha, encimado pelo caldo da carne, o fubá voltando da pedra para ajudar a dar força para a pedra talhar.



QUEM COLHERÁ OS COPOS DE LEITE?



3 - CASAS E CURRAIS

Dedicado aos artificies que ajudaram a construíram moradias, cercas, porteiras, currais e pontes sem o auxílio das modernas técnicas de cimento e gesso, utilizando instrumentos rudimentares

A braúna (*Melanoxylon brauna*) por muito tempo foi usada como madeira de sustentação das construções do interior. Pesada, durável, imune aos cupins era difícil de ser moldada, mas aí entra em cena o lavrador, não aquele que lavra a terra e sim quem lavra a madeira. Seu trabalho começava ainda na mata, onde embrenhava-se para escolher as melhores árvores para seu trabalho. As mais retas eram as preferidas. Uma vez derrubadas, eram desprovidas de folhagem e galhos sendo que os maiores eram, também, aproveitados. Depois de alguns meses, a madeira já seca era colocada sobre um estaleiro onde seria trabalhada primeiro, com o grupião, uma serra maior do que um serrote, manobrada por uma ou duas pessoas, no caso de madeira mais grossa, por duas pois era necessário



QUEM COLHERÁ OS COPOS DE LEITE?

força e perícia para cortar os toros em tamanhos certos. Diversos eram os tamanhos os maiores para as colunas, popularmente chamadas esteios e também para as vigas chamadas de linhas. Os cortes menores encimavam portas e janelas e serviam também para os portais quando outra espécie de madeira não estava disponível.

Não raro, a confecção de algumas ferramentas auxiliares era necessária, como as cunhas, pedaços de ferro chanfrados utilizados para ajudar a serragem e corte da madeira.

Para os cortes mais delicados, o serrote, cujos dentes de corte eram constantemente alinhados e afiados já que a braúna arruinava seu corte, rapidamente. O machado era companheiro eficaz e era o trabalho mais pesado a ser feito.

Traçadas as linhas de corte o machado era brandido desbastando a madeira bruta e dando forma quadrada para que as peças fossem alinhadas restando, somente para as colunas, a madeira bruta que seria enterrada, sendo suas extremidades o que se veria depois, como colunas.

Outra ferramenta o machadim, pequeno e afiadíssimo que esculpia junto com o serrote e enxó, as cavidades de encaixe das peças que se entremeiam. As junções eram feitas, em sua maioria, com a utilização de tarugos que eram esculpidos e aplainados pela enxó enquanto o trado era utilizado para perfurar seu berço.

Prontas as peças, começava-se o trabalho de montagem, em girus eram suspensas as colunas que depois receberiam as primeiras vigas que formariam o composto do primeiro piso da construção que, por sua vez, receberia a madeira de piso, tábuas largas de outro tipo de madeira.

A segunda linha de vigas seria a mais difícil de ser montada, as peças grandes eram alçadas e conectadas às colunas, três a quatro metros acima do chão, dependendo



QUEM COLHERÁ OS COPOS DE LEITE?

se a construção fosse bem mais alta do chão, coisa comum pois os espaços (porões) eram muito utilizados.

Postas as vigas superiores era a vez de se encaixarem vigas colocadas em "V" que, por sua vez receberiam barrotes, caibros e régua isto sem dizer que muitas casas eram cobertas de tabuinhas, na maioria feitas em cedro lascado com facão de duplo cabo.

As colunas internas eram então colocadas, serviriam de apoio para portas e janelas.

O passo seguinte ainda era pertencente a estes artífices que se incumbiam da madeira menos, palmitos e árvores menores que eram dispostas em quadrados pequenos, amarrada com cipós, estes quadrados receberiam o barro de estuque que depois de alisado seria pintado com batinga, a argila branca abundante em muitos lugares, a mesma que serviria para branquear o fogão a lenha.

Hoje ainda vemos algumas dessas casas em seu estilo original o que causa admiração por quem aprecia esta arte de construção muitas até servindo de pequenos museus.



QUEM COLHERÁ OS COPOS DE LEITE?



4 - O DOMADOR DAS ÁGUAS

Dedicado a SANTO DARIVA e suas criações geniais movidas a água.

A energia existia, mas, além de pouca, era produzida por pequenos geradores e somente as cidades, algumas, possuíam energia elétrica com potência suficiente para alimentar motores de serrarias, pilas de café, arroz, beneficiamento de milho e outras necessidades.

As invenções em uso na época eram movidas a água e era necessário um processo de cálculo bem aprimorado, tendo-se em vista a época das chuvas e da estiagem

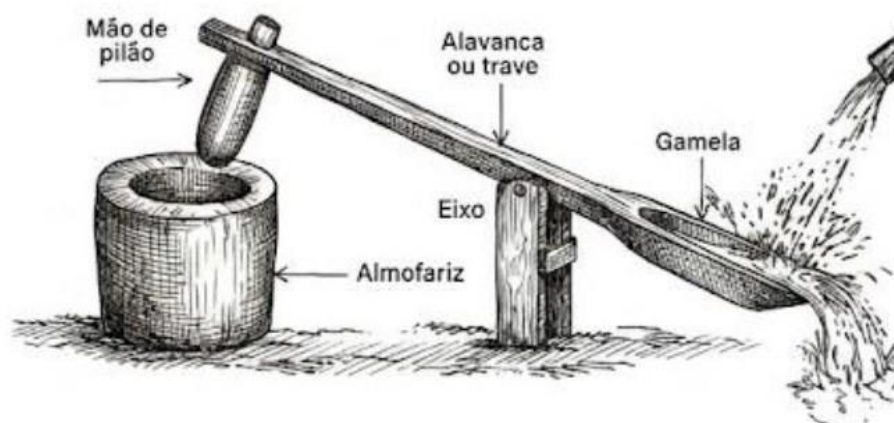


QUEM COLHERÁ OS COPOS DE LEITE?

quando o curso dos rios se alterava substancialmente por excesso ou falta d'água.

Os mecanismos eram alimentados por rodas que, por sua vez, eram impelidas pela força hidráulica que percorria caminhos artificiais, calhas a beira rio. A captação das águas através desses desvios era projetada de forma tal que pudesse ser regulada ou impedida assim, moinhos, serrarias, máquinas em geral eram alimentadas sem a necessidade de um motor elétrico, somente através de polias acopladas à roda d'água.

Em algumas situações os volumes de água eram insuficientes e, então recorria-se ao monjolo que consiste em uma caçamba onde a água cai e está caçamba é acoplada a uma alavanca ou trave sustentada por um eixo fixado à terra que, por sua vez, em outra extremidade tem acoplada um pilão e, embaixo dele, um almofariz ou gamela onde os grãos de café, arroz e milho recebiam as pancadas pois, quando a caçamba se enchia, impelia para cima o pilão e, quando este subia a gamela se esvaziava fazendo cair o pilão dentro do almofariz.





QUEM COLHERÁ OS COPOS DE LEITE?

Engenhosas instalações colocavam os pilões em sequência, quando o terreno assim o permitia.

Os artífices precisavam entender de várias matérias para executarem o projeto: hidráulica, previsão do tempo, carpintaria, serralheria e de grãos, ou seja, as multiplicidades de coisas que deveriam saber determinavam o sucesso além de força física para movimentar todo este equipamento durante sua construção e instalação.

Sem dúvida, produziam o progresso que a energia elétrica ainda não conseguia produzir em paragens mais longínquas.

Dedicado este escrito a SANTO DARIVA, que conheci, um homenzarrão de mãos poderosas, voz de barítono e uma mansidão enorme, tão grande quanto sua descomunal força física, brincalhão, ele comentava às vezes como meu pai:

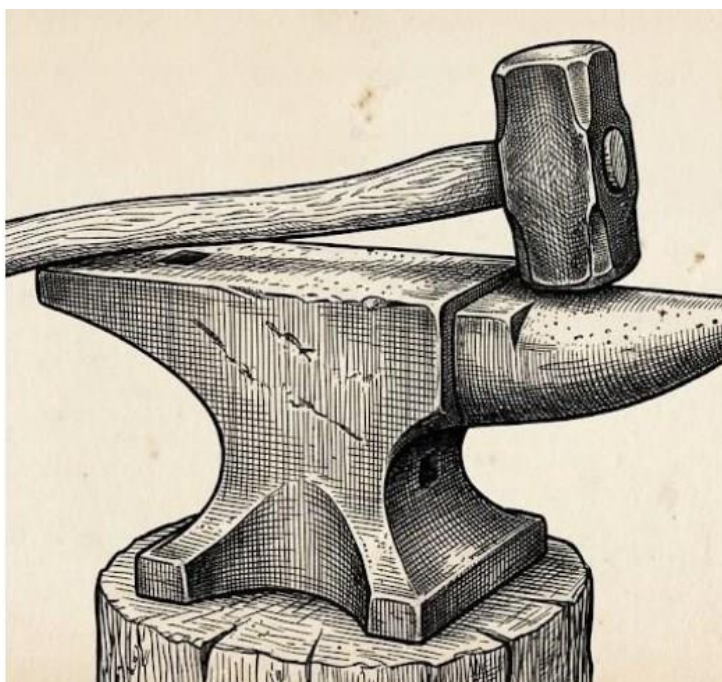
– *"Seu Chico, us menino demora muito pra pegar as toras então eu vou lá e pego sozinho, no muque"* - comentava rindo.

Contava-se que Seu Santo construiu um complexo de monjolos em linha que o seguinte aproveitava a vazão de água do anterior e a distribuía, quando esvaziava, ao próximo.

Foram muitas as rodas d'água e as amizades que construiu também, com sua gentil genialidade.



QUEM COLHERÁ OS COPOS DE LEITE?



5 - A FERRO E FOGO

Dedicado a Alcides Barbosa, o Barbosinha dos melhores artesões do ferro que minha terra conheceu. Fabricava inclusive, suas próprias ferramentas

A arte de trabalhar os metais vem de muito tempo, o cobre, o bronze, o latão e o ferro, depois o aço é que transformaram o mundo moderno. As peças de madeira foram substituídas propiciando equipamentos mais duráveis e mais resistentes.

Pois vamos então, entender a construção de ferramentas. Primeiro faz-se necessário escolher ferro ou aço de acordo com o que se vai fazer.

A espessura é fundamental para ganhar tempo na construção, facas, foices, facões, enxadas e enxadas requerem lâminas que, por serem mais finas que tarugos, podem ser aquecidas com maior rapidez.



QUEM COLHERÁ OS COPOS DE LEITE?

Forjas são “vasilhas” onde o carvão é depositado e depois de aceso, é soprado com ar para que queime mais rapidamente, forjas antigas eram sopradas através de foles que eram movimentados com as mãos ou os pés. Depois de aquecido ao rubro, o carvão recebia as peças que seriam forjadas.

Para se fazer uma ferramenta, necessita-se de moldes ou modelos e de, primeiro se delimitar a peça através de marcações assim uma lâmina de facão pode ser feita de uma mola de caminhão, uma chapa com dois ou três centímetros de espessura. Por sobre ela é desenhado, rusticamente, o contorno da lâmina. Posta ao fogo, à medida que esquenta fica rubra e maleável, quando começa a receber as primeiras pancadas que vão moldá-la.

A marreta e a bigorna combinados vão afinando a lâmina até a espessura desejada. Depois de afinada a lâmina recebe seu primeiro recorte.

O esmeril, impulsionado a mão, pedal, água ou eletricidade faz os desbastes necessários para retirar os excessos a este momento a lâmina já apresenta espessuras diferenciadas em seu dorso, mediano e corte quando é levada à morsa, uma espécie de pinça que aperta a peça através de uma rosca e onde, presa, começa a receber os desbastes finos com grossa e lima duas lâminas chanfradas que vão, através do atrito reduzindo a espessura até o momento em que as pedras de amolar irão dar à lâmina o corte correto.

Hora da furação da empunhadura que irão receber um cabo de ferro, madeira ou osso.

Perfurada a amolada a lâmina é, mais uma vez, submetida ao calor e depois mergulhada, ainda em brasa, em óleo quente ou pó químico que irá dar a têmpera, ou seja, dar dureza ao metal.

Colocado o cabo é então afiado o corte passando a lâmina ao estado de arte.



QUEM COLHERÁ OS COPOS DE LEITE?

Tal processo é também aplicado a marretas, maços, martelos, enxadas, enxós e enxadões.

Na modernidade, as forjas são elétricas e esquentam o metal por indução, muito rapidamente, mas, antigamente, era necessária uma boa quantidade de carvão e disposição para malhar o ferro sem a ajuda de equipamentos elétricos.

Cabe ressaltar que existem outros tipos de forja e que os aqui descritos faziam parte de duas ferrarias em Castelo-ES.



QUEM COLHERÁ OS COPOS DE LEITE?



6 - NO FUNDO DO RIO

Dedicado aos canoeiros que passavam o dia inteiro sob sol ou chuva no sobe e desce do rio, alimentando o progresso da cidade e, em especial ao Pito (Adolfo) Santolin que me emprestava sua canoa para navegar rio Castelo acima para lançar redes e pescar pias.

Embora em número pequeno de casas em construção, era necessária areia para tais as construções e esta era retirada do rio, em canoas, principalmente quando suas margens não ofereciam areia limpa.

Cedinho os homens já estavam rio abaixo em um terreno preparado para receber a areia. Uma margem que tivesse facilidade de acesso e que oferecesse proteção para a areia retirada.



QUEM COLHERÁ OS COPOS DE LEITE?

Castelo não tinha barcos grandes e as canoas eram de aproximadamente três metros ou pouco mais, fundo chato, proa baixa laterais de pouca altura, algumas chegando a 70 centímetros.

A construção dessas canoas era feita assim para atacar os baixios rasos em tempos de seca bem como propiciarem facilidade de encalha-las no areal das margens. Os remos toscos não eram os habituais de superfície e sim longas varas de bambu que tocavam o fundo e eram empurradas pelas mãos do navegante fazendo com que a canoa se movimentasse.

Depois de verificadas as facilidades da retirada da areia, eram montados os depósitos para areia seca, em secagem e areia molhada.

A canoa era impelida rio acima até chegar ao areal. Lá através de pás eram cheias até que aguentasse o peso e possibilitasse seu desatracamento. Muitas vezes era retirada de dentro d'água, quando as chuvas cobriam os areais e a necessidade dos pedreiros era iminente, neste caso o trabalhador trabalhava com os pés submersos e sob o sol escaldante. Bem cheia a canoa colocava ele toda a força possível para dar velocidade, rio abaixo até atingir o "cais" do depósito onde encaharia a canoa para facilitar o descarregamento não raro, as canoas mais velhas rompiam seus cascos apodrecidos quando da atracação.

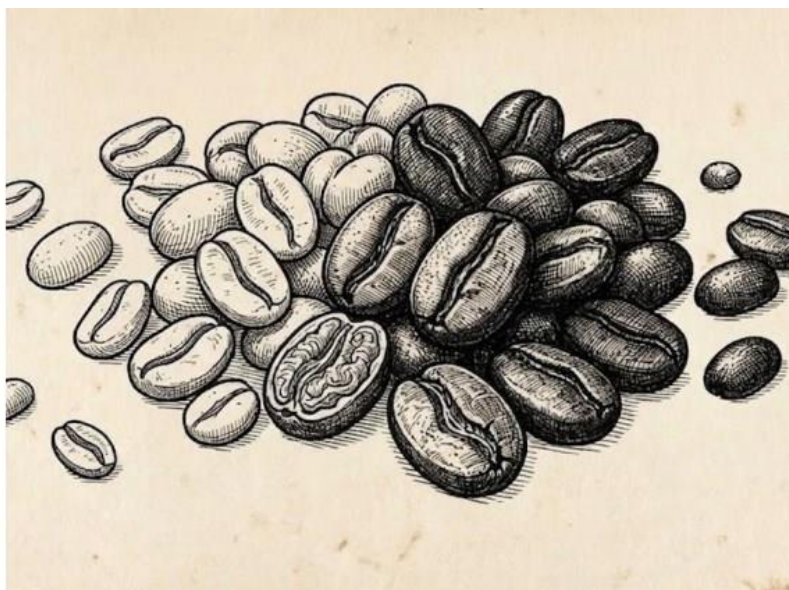
Mais uma vez, a pá entrava em ação e a areia era transferida para terra onde, através de carrinhos de mão, era empilhada para secar.

Os areais foram se modernizando e, surgiam naquela época os primeiros que retiravam a areia por bombas tocadas a motores a óleo diesel. Como não existia legislação ambiental, quem chegasse primeiro, era dono e senhor do areal.



QUEM COLHERÁ OS COPOS DE LEITE?

Dois deles se destacaram, no bairro explanada e na Prainha, perto da Garagem.



7 - DE GRÃO EM GRÃO

Dedicado a muitas mães e meninos que, para ganhar uns trocados a mais trabalhavam "catando" café

O café anteriormente, vinha da roça em côco, ou seja, sem ser despoldado. Vinha seco e era "pilado" separando-se grãos das cascas o resultado era um café irregular quer seja pela secagem desuniforme ou por apresentar diversos tamanhos de grãos, paus, pedras, gravetos e outras impurezas. Já existiam máquinas seletoras mecanizadas, mas, muito caras e em pouco número assim, recorria-se à pobreza para selecionar estes grãos.

As fontes de renda daquela época eram mínimas e poucos eram empreendedores, uma ou outra mulher se aventurava



QUEM COLHERÁ OS COPOS DE LEITE?

vendendo doces ou alguma fruta então, para suplementar a renda da casa que às vezes dependia de um dia de serviço ou uma tarefa contratada normalmente as mães iam aos armazéns de café para solicitar café para catar ou, quando possível, fazer a cata no próprio armazém.

A cata no armazém era feita em uma das maquininhas, tocadas a pedal, que consistiam em uma armação sobreposta por uma lona de tecido que estava esticada em dois rolos que giravam fazendo a esteira de lona se movimentar em direção ao catador ou catadora levando grãos que desciam de abertura em uma moega que era cheia de café. Ao passar frente ao catador este separava com as mãos os grãos defeituosos jogando-os em um saco próprio e os perfeitos eram ensacados em outro saco que os recolhia por baixo da maquininha.

A cata caseira, para aquelas que não dispunham de tempo era feita quando se levava um saco de grãos até a residência dos catadores e lá era feita à cata muitas vezes, noturna já que mães e moleques tinha suas lides diárias.

Depois de catado, o café era inspecionado e, tendo o serviço sido bem executado, recebia o catador um vale que trocava por dinheiro no escritório do armazém de café.

Era comum, em época de safra, várias pessoas catando e o vai e vem dos carrinhos de mão carregando os sacos de café catado ou a catar e até muitos homens transportando os sacos nas costas.

O trabalho era muito, mas era o que se tinha de melhor para suplementar a renda, comprar um pão doce na padaria ou um quilo de trigo para se fazer um bolo caseiro.



QUEM COLHERÁ OS COPOS DE LEITE?



8- LIMPO E PASSADO

Dedicado às Senhoras lavadeiras que recebiam roupa suja e devolviam passadinha e engomada especialmente a Dona Neném, irmã de Osni, jogador de futebol respeitado, que habitavam à beira rio. Pequenina e dedicada, falava baixinho e cuidava da roupa como poucas.

- Ô de casa! (palmas) Tem gente em casa?

Mirradinha, a senhora enquanto batia palmas equilibrava na cabeça a trouxa de roupas envolta em um lençol.

Algumas famílias não lavavam suas roupas em casa, quem fazia isso eram as lavadeiras, pessoas humildes que necessitavam desse labor para sobrar um dinheirinho.

Ao chegar na casa da família contratante, uma trouxa era entregue lavada, passada e engomada e outra era recebida



QUEM COLHERÁ OS COPOS DE LEITE?

suja, acompanhada de uma barra de sabão e duas pedras de anil, para alvejar, além de uma porção de goma.

A lida era difícil, muitas lavadeiras usavam ainda a água do rio para lavar as roupas, as pedras para bater e quarar.

A trouxa grande e suja era aberta e, numa bacia as peças iam sendo depositadas depois de esfregadas e batidas, terminada a lavagem primária, eram submetidas à água de anil, para branquear depois, eram estendidas por cima de outras pedras, ao sol, para quarar. O anil misturado à água fazia seu efeito então as peças eram recolhidas e levadas para casa onde frequentariam os varais de arame ou corda.

Depois de seca a roupa ia para ser passada o ferro, quase sempre a brasas de carvão deslizava por sobre o tecido que recebia borrifos da água que continha a goma e logo exibia seus vincos e dobras meticulosamente passados.

Muitas famílias solicitavam também que fosse colocada junto com a roupa limpa bolinhas de naftalina para espantar traçasse possíveis odores de roupa passada molhada quando tempo não permitia que secasse corretamente antes de passar.

Finzinho de tarde, as lavadeiras, com suas trouxas passadas e engomadas, se entregavam a outro labor: o jantar da família e, muitas vezes, com os braços doendo de tanto esfregar e passar.



QUEM COLHERÁ OS COPOS DE LEITE?



9 - QUEBRA PEDRA

Dedicado às pessoas que ganhavam seu sustento e seus adicionais de renda quebrando pedras para terceiros

Nem betoneira, aquela máquina de misturar cimento areia e pedra era encontrada muito menos, brita para comprar. Os britadores e as usinas de concreto usinado então, não eram ainda conhecidas na cidade. As construções em cimento armado eram poucas e lajes cimentadas eram ainda pouco conhecidas, a maioria das casas era de telhado de madeira com forro que isolava de calor e barulho, além da sujeira que normalmente se acumula por baixo das telhas.

Quando as construções mais simples começaram a utilizar concreto a demanda pelas pedras para compor o “traço” (mistura de cimento, areia, água e pedras) a brita foi demandada. Brita são os pequenos pedaços de pedra desmembrados das chamadas pedras marroadas (por serem quebradas com uma marreta pesada chamada “Marrom”). São classificadas por tamanho sendo zero a menorzinha.

O primeiro passo para se adquirir a brita era comprar as pedras marroadas que eram obtidas de pedras maiores ou de mesmo tamanho, nas pedreiras, como subproduto das



QUEM COLHERÁ OS COPOS DE LEITE?

pedras quadradas para curral e paralelepípedos assim, as lascas que sobravam eram “marroadas” e assim vendidas.

A legislação trabalhista à época pouco se importava com o trabalho de menores e eram eles convocados a “quebrar pedras”, literalmente.

O equipamento era composto de quatro objetos: Uma pedra de bom tamanho que serviria de “bigorna”, uma marreta média, um arco para conter as pedras (vide ilustração supra) e uma lata de “20”, como era conhecida a embalagem de biscoitos, óleo de algodão e inúmeros outros produtos. A tal de lata de “20” embora o nome seja este ou, como chamavam antigamente era para somente para dezoito litros como convencionado na indústria que tomava por base uma lata de 6 litros sucedida pela de doze e dezoito litros material raro, disputado nas “vendas” pois todos queriam comprar dada sua serventia.

Não havia hora limite para começar e, desde cedo, por volta das sete horas da manhã, uma turminha barulhenta já começava a arrumar seu ambiente de trabalho, primeiro a limpeza em volta da pedra grande, a retirada do pó de pedra que sobrara da lida anterior e o abastecimento, no entorno da pedra, de pedras marroadas. Começada a lida, o arco era colocado sobre a pedra grande, dentro deles duas ou três pedras marroadas e tome pancada, até que as marroadas fossem reduzidas à brita. Assim feito o arco era puxado, normalmente para a esquerda já que a maioria são destros. O monte de pedras quebradas era então transferido para a lata de vinte e carregada até o “capataz” que recebia as pedras, jogava por sobre uma espécie de peneira de chapa de ferro perfurada ou um aramado, para peneirar as pedras. O portador da lata recebia um tipo de “vale” variável de obra para obra, em algumas eram fichas feitas de semente, em outras um papel escrito vale e a quantia e em outras ainda, círculos de metal, à guisa de anéis, marcados especialmente. Conforme a obra, os



QUEM COLHERÁ OS COPOS DE LEITE?

pagamentos eram diários ou semanais, o detentor das tais “fichas de crédito” as entregava e o capataz pagava segundo o número de latas que o portador havia enchido com pedras quebradas.

Marroando as pedras, dado ao esforço maior em brandir um marrom de cerca de 5 quilos, era sempre um adulto que atuava e, na quebra das pedras marroadas meninos e mulheres que tinham horários diferentes e produziam menos já que dividiam o tempo entre as lides domésticas e o quebra pedras. Imaginemos o trabalho duríssimo destas senhoras durante o dia fazer o café da manhã, o almoço, lavar a roupa, servir almoço, limpar a cozinha e depois, ainda por cima ficar no calor escaldante quebrando pedras.

Por vezes, quando a quantidade de brita estava insuficiente, o esperto capataz promovia uma disputa, quem quebrasse mais pedras durante o dia ganharia uma lata ou duas de crédito razão das mãos calejadas dos quebradores afoitos em ganhar um pouquinho mais.

Muitos dos que ali labutavam, a maioria talvez, ganhava pouca remuneração que auxiliava para comprar uns poucos itens nas “vendas”.



QUEM COLHERÁ OS COPOS DE LEITE?



10 - CHAMADAS A COBRAR

Dedicado à Família Libardi que pilotava a Central telefônica. Maria, Isaura e Marcilene com paciência, firmeza e dedicação.

Habitados que estamos às modernas tecnologias, quando efetuamos um contato audiovisual com o outro lado do planeta, uma chamada que pode ser atendida em segundos, com direito a uma conversa "face a face" fica até difícil conceber a telefonia de antigamente.



QUEM COLHERÁ OS COPOS DE LEITE?

O Brasil foi o segundo país do mundo a ter uma central telefônica, instalada a mando de Dom Pedro II, na Quinta da Boa Vista, no Rio de Janeiro. O que decorreu foi a instalação de outras centrais telefônicas, expandidas para São Paulo e Rio Grande do Sul.

Há mais ou menos cinquenta anos era necessário que o cidadão tivesse instalado em sua residência um aparelho e que um contato fosse feito com a telefonista para ligar para outra pessoa em outra cidade: uma ligação interurbana.

Começava aí o trabalho de paciência das telefonistas, e de quem queria falar. As conexões se davam de posto telefônico em posto telefônico assim, o console que abrigava o comutador recebia uma ligação e a transferia para outro console, em outro lugar. Para fazer esta conexão, as telefonistas usavam fones de ouvido (algumas) e utilizavam cabos com plugs para conectar uma extremidade da linha a outra.

Feita a chamada, a atendente no outro console recebia a identificação e passava a ligação adiante por exemplo, se a ligação fosse para o Rio de Janeiro, Castelo conectava com Cachoeiro, Cachoeiro com Campos e Campos com Rio que conectava com o número chamado caso ele estivesse na antiga Guanabara senão, eram necessárias mais conexões.

Pode parecer fácil, mas, é só aparência pois cada ligação demandava inúmeras coincidências e combinações, imaginemos que Castelo chamasse Cachoeiro para falar com São Paulo, Capital. A telefonista de Castelo se comunicava com Cachoeiro, se tivesse alguma linha disponível; Cachoeiro se comunicava com Campos, se também tivesse uma linha disponível não tendo ficavam presas às linhas de Castelo e Cachoeiro aguardando vagar uma linha para Campos. Às vezes passavam-se horas e, como a maioria das pessoas não possuía telefone, por ser muito custoso e com número limitado de aparelhos, era comum irem ao posto telefônico, solicitarem a ligação e,



QUEM COLHERÁ OS COPOS DE LEITE?

tivesse a linha ocupada, retornava a sua casa e ficava lá aguardando, assim que completada a ligação, o Posto Telefônico encarregava um esbaforido estafeta de ir até a casa da pessoa comunicar que a ligação estava completada.

Imaginemos que, para locais menores do que as capitais então, as linhas estariam muitas vezes ocupadas exigindo paciência das telefonistas e dos clientes.

Em dias atuais reclamamos das demoras de se completarem as ligações, às vezes poucos segundos mais, imaginemos o caos hoje com a telefonia da época anterior. Reputo as comunicações como um dos maiores alavancadores de progresso, desde o telégrafo ao telefone, mas o tributo aqui fica às pessoas que trabalharam nos postos telefônicos- agentes de progresso, sucessores do telégrafo!



QUEM COLHERÁ OS COPOS DE LEITE?



11- A FRETE

Dedicado aos Carroceiros que eram tidos como profissão menor, mas que tiveram um trabalho importantíssimo na vida da cidade transportando a preços módicos os desejos de quem os contratavam.

Os poucos caminhões existentes eram caros e destinavam-se a trabalhos grandes, como transportar café ou outras mercadorias e não faziam os serviços básicos de transportar pequenos volumes, entulho, pequenas mudanças e materiais de construção e, na maioria das vezes, não estavam disponíveis para aluguel. Quem fazia este trabalho, de pequenos fretes, eram os carroceiros.

Aqui faço um parêntese e tento, fazer justiça: Os pais, quando as crianças não queriam estudar, quer seja por não terem outro comparativo ou por não entenderem certas ocupações ensejam seus filhos a estudar de diversas maneiras, castigos, pedidos e comparações entre elas – “Preste atenção, se você não estudar, vai virar carroceiro”



QUEM COLHERÁ OS COPOS DE LEITE?

A lida, de dia a dia, sol a sol, chuva a chuva, esperança e desesperança era constante na vida destes trabalhadores dada a inconsistência de seu trabalho.

A rotina era sempre a mesma, ainda bem cedo, ir ao pasto “pegar” o animal e trazê-lo para perto da carroça. Ali ele recebia milho, água, e uma boa escovada para tirar os “carrapichos”, carrapatos e outras coisas que se agregavam ao pelo. Um bom banho e a escova de metal correndo “penteavam” os pelos e davam brilho só então, era colocado por cima uma manta de tecido e, por cima o arreio. Normalmente o animal era um muar, mais afeito a esforços do que os equinos então, quase sempre, um burro ou uma mula puxava a carroça.

A carroça, nada mais do que um grande caixote de madeira sobrepondo eixo e rodas vazadas, de raios arredondados, ainda de madeira, trabalho minucioso de carpinteiro, circundada por uma fita de ferro que lhe dava dureza e resistência.

O eixo por vezes de madeira, à guisa de carro de bois sustentava as rodas mais tarde, substituídos por eixos de ferro e pneus de automóvel, menores e mais leves.

Dois varões serviam de suportes que eram presos ao arreio e devidamente amarrados. Dois estribos laterais na carroça propiciavam apoio para os pés do carroceiro que subia a carroça e se sentava em um tosco banco de onde comandava o animal.

O transporte era feito por demanda, areia, barro, tijolos, cimento, mudanças, compras e, perto da estação do trem agrupavam-se algumas carroças, para transportar as mercadorias recém-chegadas e as que seriam embarcadas.

Os animais, pacientemente aguardavam, atrelados às carroças e com antolhos para não se assustarem com algum movimento de um passante fortuito, horas e horas lá preso, pouca água e pouca comida, um martírio animal.



QUEM COLHERÁ OS COPOS DE LEITE?

Alguns carroceiros, mais afetos aos animais, os soltavam parcialmente da carroça que ficava apoiada no chão.

O cheiro característico impregnava os arredores e, quando em vez, alguém com uma pá retirava as fezes dos bichos e depositava em um monte povoado de moscas e outros insetos.



QUEM COLHERÁ OS COPOS DE LEITE?



12- O PÃO NOSSO DE CADA DIA

Dedicado àqueles que faziam o meio de campo entre a padaria e a roça labutando em sol quente, em chuva pesada, na poeira e na lama por trilhas onde só eles chegavam. Em especial dedico a Tião que casou com minha prima Luzia e que criou uma bela família com seu trabalho.

As padarias são estabelecimentos que existem desde o tempo dos egípcios, mais de três mil anos atrás e são referências para todos os povos, sem exceção.

Por necessidade do negócio, são instaladas em zonas urbanas ou bem próximas onde o fluxo de pessoas é necessário para a sobrevivência do empreendimento, sem muitas pessoas por perto como vender os pãezinhos quentinhos produzidos todo dia?

Na roça, no interior, não existiam padarias e eram necessárias habilidades extras das senhoras para fazer pão em casa, uma arte dominada por poucas além do que era necessários um forno e o trigo, nem sempre disponível. Os



QUEM COLHERÁ OS COPOS DE LEITE?

fornos para pães, abobadados são, por si só trabalhosos primeiro, construí-los não é para qualquer um, o pedreiro tem que ser bom o suficiente para manter a abóbada firme até que seque a massa dos tijolos e pedreiros hábeis, eram poucos.

A necessidade faz a oportunidade, como diz o antigo ditado, "a necessidade faz o sapo pular" então alguns cidadãos se deram conta desta lacuna, desta falta de oferta de pão ou, como chamamos modernamente, deste "gap" e se dedicaram a levar o pão da cidade para a roça.

O investimento, a princípio, constituía-se de uma bicicleta comum, mais tarde substituída pelas bicicletas cargueiras, dotada de um apoio para que se mantivesse em pé, coloquemos as primeiras dificuldades somente na bicicleta, mas, antes delas, este trabalho era feito com uma grande cesta levada na cabeça.

Bem cedinho, estes artífices do pão desejo, passavam pela padaria e compravam pão, "pão de sal", pão doce, pão com coco, pão tatu, pão de milho e tudo o que fosse possível carregar.

Tudo arrumado na cesta ou na bicicleta lá se iam, com rotas predeterminadas determinadas, um dia para cada lugar, morro acima porque em Castelo o que não falta, é morro e calor e sob este calor matutino ainda ameno (ameno, se comparado ao calor do meio dia mas "ameno" não é um adjetivo justo para o calorão castelense) mas voltemos ao roteiro: este era escolhido e quase "propriedade" de cada um pois, com o passar do tempo ficava ele conhecido, os dias da semana em que passava por cada lugar eram pré determinados e esperados.

Abramos um parêntese para os meios de pagamento hoje, além do "dinheiro vivo" ou moeda corrente, temos cartão de crédito, pic pay, pix, transferência bancária, credito ou debito digital e naquele tempo.... às vezes faltava até mesmo a moeda corrente que, nas raras vezes que o



QUEM COLHERÁ OS COPOS DE LEITE?

lavrador recebia, era paga pelo café, uma vez por ano ou por um fubá, uma galinha ou um feijão vendido na cidade, coisa rara então os “padeiros” criaram seus próprios meios de pagamento ou melhor, copiaram o escambo e valia tudo galinha, ovos, feijão, fubá, milho, enfim, os produtos da roça.

Tardezinha chegava ele, cansado da caminhada e do peso dos produtos, cesta de pães... sem pães, mas cheia de inúmeros produtos que já tinham seu destino previamente combinado:

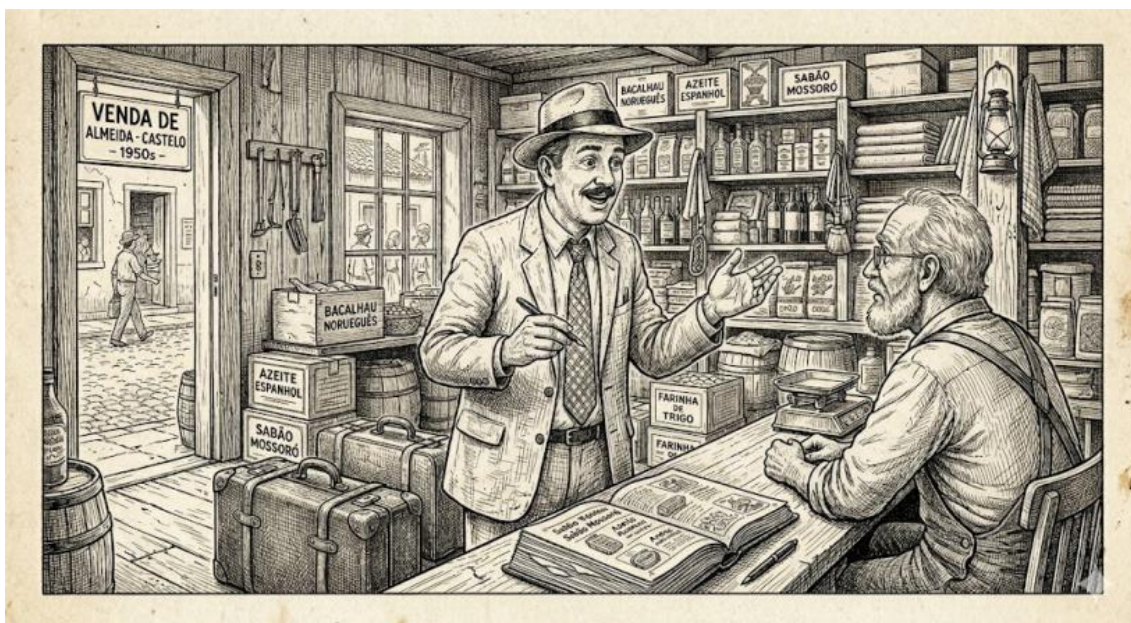
-Seu Tião, me traz uma galinha gorda!

-Tião traz um feijãozinho fresquinho, preto hein!

Pois bem, assim se completava o círculo virtuoso e o dinheiro recebido serviria para comprar o pão nosso, do outro dia.



QUEM COLHERÁ OS COPOS DE LEITE?



13 - CAIXEIRO VIAJANTE

Dedicado aos que se aventuravam pelas cidades e vilas do interior do Brasil oferecendo de tudo para todos.

A modernidade não nos faz lembrar o pioneirismo, ao contrário, nos distancia dele à medida em que novas tecnologias substituem as que já substituíram outras como, por exemplo nas tecnologias de vendas.

O interior do Brasil ainda era progressista, com ferrovias se espalhando, o que contribuiria para um transporte mais econômico e mais sustentável, mas, eis que foi feita uma opção tacanha de substituir as ferrovias por rodovias e, pior, acabaram com a maioria das ferrovias existentes e, eram estas ferrovias que transportavam a maioria das mercadorias até centros de distribuição mais longínquos,



QUEM COLHERÁ OS COPOS DE LEITE?

como Castelo, por exemplo. A pequena estação recebia de tudo para ser distribuído rio acima, Conceição do Castelo, Venda Nova, Afonso Cláudio, Muniz Freire e várias localidades tinham, como entreposto a ferrovia, cujo ramal terminava em Castelo que à época, era o centro comercial da região e, embora não produzisse muito, distribuía produção de outros estados e localidades através do recebimento de tais mercadorias via linha férrea.

Por ser este centro, de um tudo encontrava-se em Castelo, desde um bacalhau norueguês legítimo, azeite espanhol, tâmaras africanas, frutas de outras localidades, açúcar, sal, trigo e ferramentas além de tecidos e medicamentos enfim, encontrava-se uma variedade de produtos só comparável aos dias de hoje isto, há mais de 50 anos, mas, como isto era ofertado? Abramos um novo parágrafo ou uma página deste livro da vida: Os caixeiros viajantes ou, como chamamos hoje, representantes comerciais.

As fábricas tinham suas representações e estas seus funcionários que viajavam pelos mais longínquos rincões vendendo de tudo. Ao contrário dos representantes atuais, o caixeiro viajante representava diversos conglomerados, às vezes, até concorrentes. Uma mesma pessoa vendia bacalhau e soda cáustica, sabão, tintas, etc. Qualidade básica, ser "falador" ter um bom estoque de piadas e muitas histórias para contar. Os atendimentos às vezes demoravam mais de duas horas e os catálogos estavam alojados em grandes malas pesadas então o caixeiro cantava sua "ladainha" que parecia interminável e os diálogos eram, depois das conversas iniciais, quase monossilábicos.

-Sabão Mossoró? Dizia o caixeiro

-Cinco caixas, dizia o comerciante e assim por diante

Caixeiro –Azeite?

Comerciante – Não



QUEM COLHERÁ OS COPOS DE LEITE?

Caixeiro – Enxó?

Comerciante – Não

Caixeiro – Enxada?

Comerciante – Duas dúzias do pequeno e duas do grande

Caixeiro – Enxada?

Comerciante – de duas libras 5 caixas, de duas e meia 3 caixas

Caixeiro – Aproveita que o preço tá bom, é Targa! (marca de enxada)?

Comerciante – Não

Caixeiro – Azeite?

Comerciante – Não

Caixeiro – Azeite?

Comerciante – Não

Bem, um novo livro mostruário era aberto e a ladainha continuava até serem apresentados as mercadorias. Findo a apresentação/questionário/ pedido o vendedor preenchia exaustivos pedidos que eram assinados depois de acertadas, também, as datas de pagamento em parcelas de 30, 60, 90, 120 e também até 150 dias para serem pagas mês depois, 180 dias lá estava o vendedor de volta, se o tempo permitisse, se o trem não atrasasse, se a vida assim continuasse



QUEM COLHERÁ OS COPOS DE LEITE?



14 - O CALCETEIRO

Dedicado aos anônimos que, desde as lavras até as ruas e currais cobriram a terra com pedras para melhorar a capacidade de locomoção de muitos

O mato ralo esconde a pedra disforme, a terra vermelha escorreu e tapou tudo mas os olhos espertos do trabalhador enxergaram ali uma oportunidade. A Foice habilmente manejada recorta o mato maior, pequenas e resistentes árvores que sobreviveram ao lado da pedra, entre calores excessivos e corredeiras da água da chuva; a seguir a enxada retirou a camada de terra exibindo a pedra nua, suja de terra, avermelhada, um balde pequeno ajudou a lavar a pedra, a exibir seus veios e guias, o trabalhador, com um ponteiro metálico risca fundo nos veios, evidenciando os caminhos onde, logo depois, o caminho



QUEM COLHERÁ OS COPOS DE LEITE?

começa a ser talhado, ponteiro e começa marreta trabalhando , pancada a pancada, formam um caminho de pontos que mais parecem uma costura Feito o caminho, o "marrom" marreta de 5 quilos e empunhado e as pancadas firmes em um ponteiro maior fazem a pedra lascar orientada pelos caminhos de pontos, A camada superior, o casqueiro sujo e retirado e as entranhas cinzentas do granito são expostas

Aqui começa a verdadeira expertise do trabalhador, marcar a pedra para o "fogo", uma pequena carga de pólvora colocada cuidadosa e meticulosamente em locais escolhidos Novamente os caminhos são traçados, desta feita não os veios da pedra, mas as marcas onde a pedra novamente se dividirá formando pedaços programados

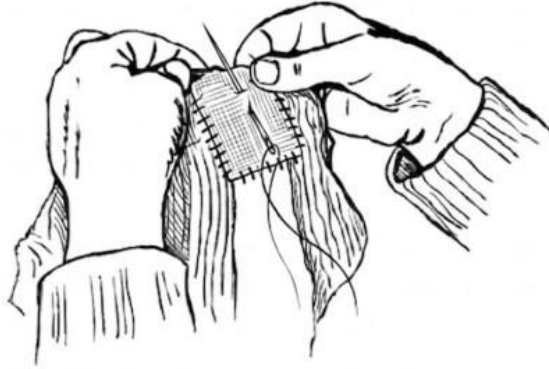
O fogo é aceso, o rastilho corre e a explosão surda e pequena e ouvida, não há pedras pelo ar apenas uma pequena fumaça e quando está se dissipa mostra a pedra multifacetada, de acordo com o programado, lajões para piso de curral ou paralelepípedos Pequenas pancadas separam as formas que são jogadas morro abaixo e o processo se repete até que seja possível retirar pedras perfeitas

Na cidade, o leito de areia sobre a terra batida das ruas sem calçamento recebe os meio fios e, em sequência o leito de paralelepípedos as mãos calejadas vão arrumando as pedras no leito arenoso, um instrumento misto de enxó e marreta puxa e arruma areia e ao mesmo tempo dá as pancadas do assentamento lentamente o leito de paralelepípedos sobrepõe a areia que sobrepôs a terra

E tardinha, as costas doendo, as mãos machucadas e o calceteiro olham para trás, a rua plana, calçada, hora de ir pra casa descansar, amanhã tem mais, seu prefeito quer inaugurar o calçamento logo, antes das eleições



QUEM COLHERÁ OS COPOS DE LEITE?



15 - COSTURANDO A DOR

Dedicado às Senhoras benzedoras que tratavam do corpo de da alma de pessoas de fé

"Destroncou" o dedo, torceu o pinho, dor nas costas, apatia, espinhela caída, vai procurar Dona Maria A Casinha pequena porta baixa, quase afundada no chão beira rio abriga ali Dona Maria e sua família um quartinho e especial, revestido de fotos de santos, imagens, terços e galhos, cheiro intenso de ervas e cânfora e Dona Maria ali sentada, miudinha com seu vestido de "carne seca" aquele vestido colorido aleatoriamente, prova de impressão do tecido, vendida em retalhos, aos mais pobres Dona Maria não tem diploma, não tem cursos, tem saberes, saberes ancestrais de massagens, unguentos e rezas para aplacar as dores de outrem e , porque não, patuás e mandingas também

A mocinha entra tímida e cabisbaixa, Dona Maria reconhece a dor, - ta triste fia? conta pra veia, que qui foi?



QUEM COLHERÁ OS COPOS DE LEITE?

-Tô triste Vó Maria, num como direito, perdi a vontade,

-Vem cá fia, segura aqui o terço, fecha os zóio: Ato contínuo a folha seca de alguma erva e acesa e rescende a perfume de mato, a reza e incompreensível palavra ou outra dá pra entender, acha, us caminho, os zóio bria

-Pronto mia fia pode abri os oio! Presta bem atenção, leva essas erva aqui faz um chá e toma de noite, antes de drumi, mocinha cê tem uns zoin bunito, quando vê seu amor, dá um sorriso pra ele que ele vai gosta.

Dois dias depois o namora começado, a tristeza acabou

-Ei dona Maria licença! - Entra seu moco, que qui foi, - O dedão Dona Maria, ta distroncado, bati o pé num toco na roca-

-Senta aí fio

O dedo está inchado e Dona Maria, cuidadosamente começa a limpar, um banho de água morna, bem esperta, com arnica dentro e o pé lá dentro, meia hora depois um pouco de banha misturada com cânfora começa a massagear o dedão o rapaz se contorce, Dona Maria em um repente aperta e torce o dedo, um estalo e ouvido junto com o grito de dor do rapaz

-Pronto meu fio agora só farta nois custurá pra sará depressa, deixa aí o pé dentro d'água (mais água quente e colocada na bacia0 e Dona Maria pega um pequenino retalho agulha e linha o rapaz olha desconfiado, Dona Maria acende a vela, apaga a luz e começa a costurar o tecido murmurando suas rezas incompreensíveis Dez minutos depois ele seca o pé com toalha branquinha envolve o dedão em um pedaço de pano embebido em caldo de arnica com canfora

-Meu fio leva esse vidro aqui, passa no dedo esfregando bem treis vez di manhã, na hora do armoco e antes de drumi que logo sara



QUEM COLHERÁ OS COPOS DE LEITE?

-Brigado Dona Maria quanto é - Deixa aí dez cruzeiro do vidro e dez da reza, Deus te bençoe

E lá se vai mais um " paciente " satisfeito

Já foi na Dona Maria pegar seu patuá...



QUEM COLHERÁ OS COPOS DE LEITE?



16 - OS VENDEDORES DE TECIDOS

DEDICADO AOS MASCATES DE PORTA EM PORTA VENDENDO TECIDOS "FINOS"

O mundo gira a lusitana voa, este era o bordão de uma das maiores transportadoras de mudanças dos anos 60 mas,,, e antes, como chegavam as coisas , mercadorias e tecidos ao interior Os libaneses entenderam e exerceram a mais inovadora das profissões, ainda hoje sobrevivente e fundamental, o comércio, as relações comerciais herdadas dos povos antigos transmitidas pelas caravanas, ela rota da seda e muitos outros meandres, tão estranhos quanto a venda de sal no deserto do Sahara, apoiada em camelos Assim, emigrando para o Brasil, fizeram desta arte seu sustento Não haviam grandes fazendeiros libaneses, haviam grandes e pequenos comerciantes libaneses Aqui, convenhamos, vamos falar daqueles intrépidos que investiram suas economias em compras de tecidos importados e poucos nacionais que se embrenharam pelas



QUEM COLHERÁ OS COPOS DE LEITE?

rocas adentro ofertando, " no caderninho" um fiado a longo prazo os tecidos e alfaias

se a economia anda, prospera e não fenece, está amparada na resiliência dos pequenos, dos empreendedores que, muito antes, não tiveram apoio nenhum, além de suas tradições, macetes, cozinheiros, artífices enfim, uma miríade de migrantes que, a despeito de luízes, inácios, lulas e outros predadores da silva, sobreviveram, estoicamente, aumentando valores para um brasil carente de mão de obra para ocupar nosso território maravilhosos



QUEM COLHERÁ OS COPOS DE LEITE?



17 - ENGRAXATE

Dedicado aos meninos engraxates que ganhavam algum e eram aprendizes incentivados a aprender ofícios

A cidade embora grande ante os povoados em seu redor e a linha do trem cuja importância era fundamental para exportação de café e importação de outros produtos, não oferecia muitos empregos, comércio pequeno, dominado pelos compradores de café, lojas de tecidos e "vendas", onde os postos de trabalho eram poucos e, quando regulares, ocupados por muitos anos pois não havia o Fundo de Garantia de Tempo de Serviço assim, mandar um funcionário embora requeria vultosas compensações difíceis de serem pagas o que dificultava o turnover

Pois bem, restavam postos de trabalho, informais, que eram ocupados por mão de obra sem registro, lavadoras de roupas, empregadas domésticas, quebradores de pedra,



QUEM COLHERÁ OS COPOS DE LEITE?

catadores de café, estafetas muitos ocupados por adultos O que restava aos jovens fazer pequenos favores, quebrar pedras e engraxar sapatos Eram vários engraxates espalhados pela cidade, na frente das lojas e vendas, perto das cocheiras e no centro Os meninos recebiam, como recebi, uma pequena caixa para engraxar sapatos, um caixote de mercadoria recortado, adaptado com local para pousar o pé do sapato a ser engraxado; e um kit básico, duas escovas para passar tinta, duas para dar brilho, duas flanelas e duas latas de graxa de sapatos a maioria da marca Nuguet, acompanhava, também uma espátula de metal ou madeira para raspar o barro dos calçados dos lavradores e tropeiros passo tinta e duas mãos de graxa, só 2 cruzeiros

A meninada abordava alegremente os senhores de sapato sujo, vai graxa, Moço (interroga), passo tinta e duas mãos de graxa, só 2 cruzeiros! E convencendo o "moço" começava o trabalho e já ia esquecendo, a primeira providencia era colocar "orelhas" feitas de couro ou papelão, separadores para não sujar meias ou a pele do freguês ato continuo era procedida a raspagem meticulosa do barro e uma escovada com uma escova mais antiga, mais velha, cujas cerdas havia sido recortadas, ficava mais dura e raspava os excessos Uma mão de tina da cor do couro era passada, vale ressaltar que eram tintas marro e preta, cores predominantes a época A escova macia entrava em ação até secar a tinta e depois a mão de graxa era aplicada sob os olhares atentos do freguês, assim que aplicada esperava se um pouco e o sapato era submetido a uma escovada vigorosa até dar brilho depois mais uma demão anunciada (dois pontos) A segunda mão moço, e a segunda mão era finamente passada sobre a anterior e depois a flanela entrava em ação com batidas ritmadas como se fora acompanhamento de percussão Finalizando, a mágica, um pequeno vidro aspergia umas poucas gotas de água por sobre a superfície engraxada e o brilho



QUEM COLHERÁ OS COPOS DE LEITE?

potencializava Ato contínuo , a flanela pendurada no ombro, o pequeno engraxate anunciava, ta pronto moço, olhe o capricho!

Muitas vezes a gorjeta era dada uma moeda de menor valor, para alegria dos pequenos, alguns deles levando o parco ganho para complementar a renda caseira

Lembrando que era sim trabalho infantil, feito em sua maioria com alegria própria dos pequenos, sem os "traumas" do mundo moderno



QUEM COLHERÁ OS COPOS DE LEITE?



18 - SELEIRO

Dedico aos seleiros que tiveram que abandonar suas lides em razão do progresso

Em homenagem ao seu Angelin Andreão e seu filho Adelino (Nico) Andreão celeiros de mão cheia

De tempos em tempos o caminhão parava à porta da selaria para entregar couro, linhas, sovelas, agulhas e tudo o mais para os trabalhos em couro

As mantas grandes de couro cru eram colocadas em pé, os rolos encostados à parede paulatinamente, eram usados primeiro depositados sobre a bancada grande e esticados com ajudas de pregos depois recebiam o desenho confeccionado com moldes, aproveitamento máximo para nada desperdiçar

Logo os recortes das peças eram feitos, bolsas para mulas, arreios, selas de mulas e equitação, correias, toras para cabrestos, faixas para os baixeiros e uma profusão de peças era empilhada e assim começavam os primeiros



QUEM COLHERÁ OS COPOS DE LEITE?

trabalhos para amaciar, esculpir e moldar as peças, sodela, raspadores, lixas, tintas e vernizes eram aplicados e as peças iam tomando forma, um assento aqui, um cabeçote de arreio por lá uma cinta, um cabresto trancado e dias depois estava pronto o arreio feito sob encomenda

Haviam vários quesitos a cumprir os muladeiros gostavam de muitas fivelas brilhantes, os fazendeiros fivelas cobertas de couro, as mulheres selas de couro de vaqueta, fino e macio

A arte não se perdeu, os rodeios espalhados pelo Brasil, os inúmeros haras são consumidores dos produtos dos seleiros, os melhores muito requisitados

As peças para mulas mais escassas, os veículos substituíram as mulas e hoje ao que parece bem poucos as usam para cargas tendo a demanda por bolsões e arreios para elas decrescido a quase totalidade

Hoje existem grifes de selas e arreios, com alto preço no mercado, bem longe daqueles preços outrora praticados pelos antigos seleiros.



QUEM COLHERÁ OS COPOS DE LEITE?



19 - OS CANTORES DE PORTA DE LOJA

DEDICADO AOS CANTORES DESCONHECIDOS QUE, POR FALTA DE OPORTUNIDADE LEVAVAM SUE TRABALHO AO INTERIOR DO BRASIL

Em especial aos meninos, impúberes meninos que eram forçados a cantar para sustentar a família

A cidade gravitava em torno do café, bem maior, produzido manualmente nas montanhas castelenses tudo girava em torno do café, o comércio, a economia, os impostos, tudo derivado do bem maior pois o restante era agricultura de sobrevivência, sal, açúcar, carne, enlatados, farinha e quase tudo vidros de outros lugares

Na época da safra de café, quase ao mesmo tempo os agricultores vinham à cidade vender suas colheitas, ora de acertar as dívidas deixadas na última safra e de fazer outras, comprar mantimentos, ferramentas e vestuário e aí entravam nossos cantores



QUEM COLHERÁ OS COPOS DE LEITE?

As lojas de tecidos enfeitavam os tetos das marquises com peças de tecidos, roupas prontas, bolsas, cintos e outros produtos convidando o freguês a entrar (o tal de cliente foi criado muito depois) mas, como fazer para diferenciar as dos demais, fazer o freguês entrar?, restava contratar os cantores, quase sempre uma dupla que se postava na entrada da loja, duplas caipiras, iniciantes ou de pouco sucesso, nenhuma delas tocando nas rádios (os rádios e as rádios eram poucos e rádios raras)

A dupla entoava suas cantigas e entre cantos, mesmo no meio da música convidavam os fregueses a entrar, " Entre meu amigo aqui nas Casas Franklin tudo é mais barato."; " É aqui na Valory que você encontra tudo do bom e do melhor" e assim por diante...

Particularmente lembro de uma dupla de meninos dez ou doze anos, chorando pois não queriam mais cantar, depois de terem cantado a manhã toda, no começo da tarde calorenta, vestidos de camisa de flanela e gravata e admoestados pelo pai pois até as três a cidade esvaziava, os agricultores tomavam rumo voltando para suas roças a cavalo ou em carro de boi e os cantores, como os pequenos, voltavam as pensões onde estavam hospedados, aguardando um novo dia de cantoria



QUEM COLHERÁ OS COPOS DE LEITE?



20 - PÃO NA SACOLINHA

DEDICADO AOS PIONEIROS DO DELIVERY

Em especial aos meninos que acordavam bem cedo para entregar de porta em porta o pão quentinho

Era praxe cada família ter sua sacolinha de pão, múltipla, seria para ir à padaria comprar o pão e colocá-lo diretamente na sacolinha

Muito a eram os modelos, em sua maioria fechados por uma cordinha que era puxada para franzir e fechar e usada, também, como alça

A sacolinha era entregue ao balconista da padaria que lá colocava os pães, nada de sacolas de plástico algumas de papel



QUEM COLHERÁ OS COPOS DE LEITE?

Uma prática comum, para os mais abastados, era receber o pão em casa, ainda quentinho da padaria, sem que precisassem se deslocar

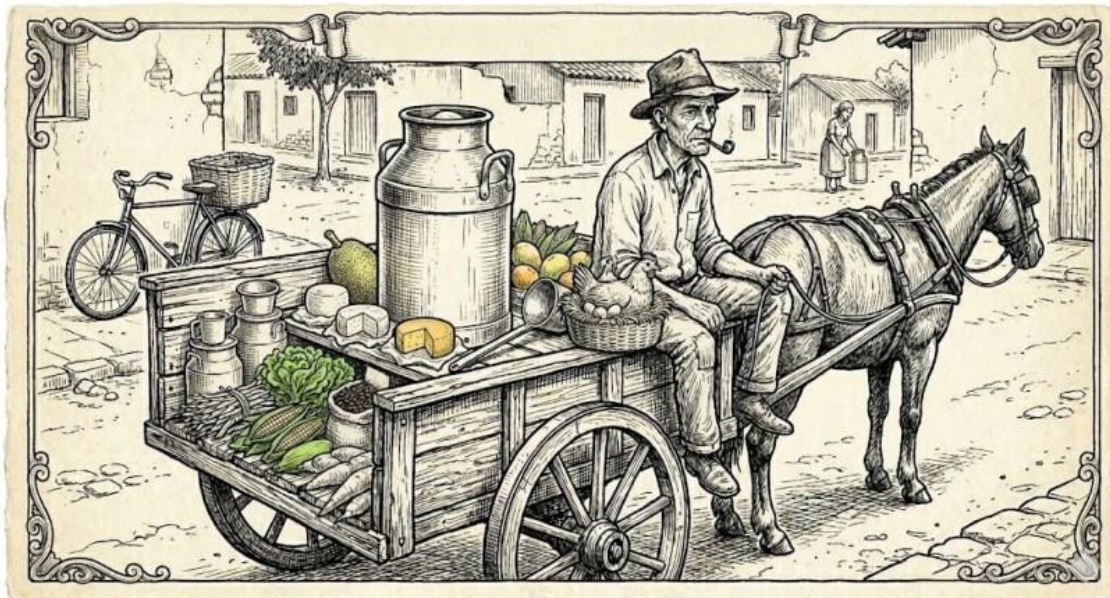
Muitos meninos faziam estes serviços, iam a padaria apanhavam os pães e colocavam nas sacolinhas penduradas nas portas e eram remunerados por isso,

O maior dos problemas era quando o menino faltava e não avisava ou a chuva que atrapalhava e, como não haviam telefones, não havia como avisar

A prática com o tempo se perdeu e se reinventou posteriormente hoje, algumas famílias recebem o café da manhã completo em suas residências, uma evolução daqueles
tempos



QUEM COLHERÁ OS COPOS DE LEITE?



21 - A CARROÇA DO LEITE

DEDICADO AOS AGRICULTORES E PECUARISTAS QUE ENTREGAVAM LEITE E PRODUTOS DE SEU LABOR NA CIDADE

Em especial a Família Bechara cuja carroça, domingo a domingo trazia o leite para a cidade

Muito antes da existência das cooperativas de laticínios o leite era distribuído de forma diferente, quer seja de bicicleta, a pé ou de carroça, veículo comum para transporte de pequenas cargas, entregue de porta em porta

Um latão continha o leite e o vasilhame individual de cada casa recebia o conteúdo solicitado, medido por um caneco do "leiteiro"

Normalmente a paga era mensal e, além do leite, a carroça trazia outros produtos quer seja do produtor de leite ou de vizinhos, feijão, alface, milho verde, café torrado, manga, cajá, jaca, mandioca, isto se não chovesse pois com chuva somente o leite vinha, eram entregas diárias, o produtor,



QUEM COLHERÁ OS COPOS DE LEITE?

ainda bem escuro tirava o leite e se dirigia a cidade para entregar,

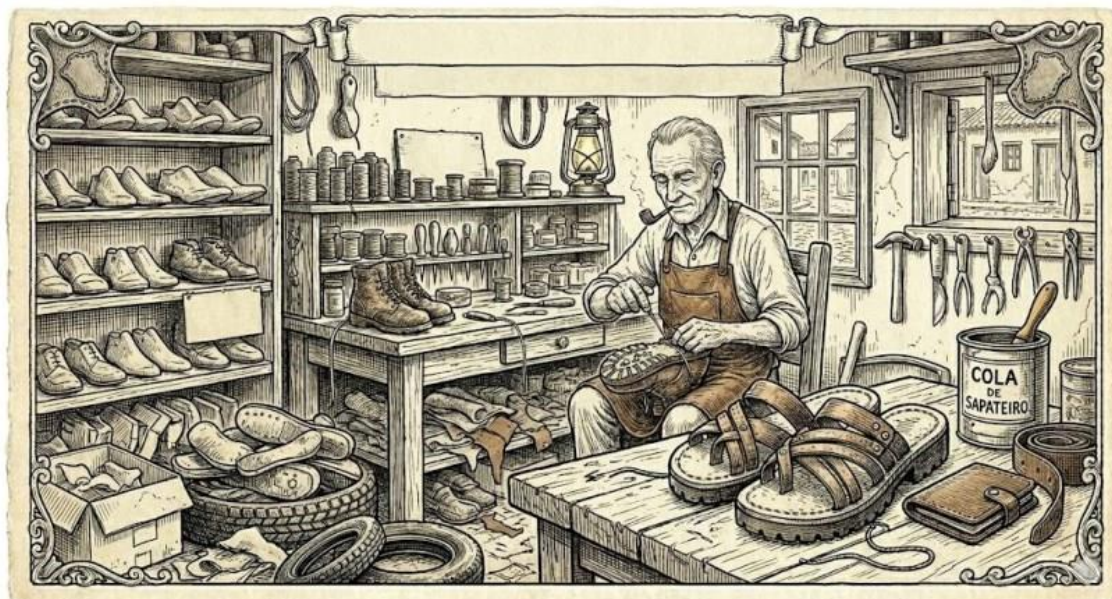
No caminho, acontecia a transformação láctea, balançando quando a carroça passava pelos buracos a nata ia se juntando e, ao fim da jornada uma bola ficava depositada no fundo do latão, vendida também, preço diferenciado, para consumo imediato ou para virar manteiga

O queijo fresco também era um produto vendido e muito procurado no inverno, quando os pastos ficavam mais secos, o leite ficava mais denso, com menos água e mais gordura concentrada e era nesta época que a encomenda pelo queijo mais maduro, amarelo e curado era mais requisitado e mais valioso já lê, curado perdia parte de seu peso de água

Amiúde, o leiteiro, sob encomenda trazia galinhas, ovos, carne de boi ou de porco e até cabrito, quitute saboreado sobretudo pela colônia libanesa



QUEM COLHERÁ OS COPOS DE LEITE?



22 - O SAPATEIRO

DEDICADO AOS ARTÍFICES DO COURO

Em Especial a Jocondo Calegari , conhecido como Condo um artífice sereno e cordato que até sapatos ortopédicos sabia fazer

Assim como os alfaiates, faziam manualmente os ternos, muitas pessoas recorriam aos sapateiros para confeccionar seus calçados sobretudo chinelos, botinas, sapatos mais rústicos e alguns mais elaborados

A profissão e prima irmã da selaria e guarda nuances parecidas

A maior parte dos trabalhos dos sapateiros era dedicada a consertos, trocas de sola, remendos e confecção de cintos, bolsa pequenas e carteiras

Sapatos industrializados eram muito custosos e o reaproveitamento era compensatório diferente de hoje que o conserto custa, por vezes mais do que o sapato



QUEM COLHERÁ OS COPOS DE LEITE?

Uma curiosidade era a confecção de chinelos as tiras de sobra de couro eram moldadas e sobrepostas a borracha, não borracha especialmente moldada, não solados comprados prontos mas, recortes de pneus de veículos que eram cortados moldados e sobrepostos por palmilhas e tiras

As botas eram encomendadas de par em par, não se fazia estoque delas, medidos os pés eram confeccionadas em couro cru ou vaqueta, solados mais rústicos de pneu recortado ou de couro, para as mais refinadas feitas de pelica ou couro raspado

A cola de sapateiro era cobiçada pelos moleques não para cheirar como hoje ainda acontece, mas para entorpecer a mente fazendo bolinhas que grudam em tudo



QUEM COLHERÁ OS COPOS DE LEITE?



23 - O FOTÓGRAFO

DEDICADO AOS LAMBE LAMBE, fotógrafos de Rua e aos fotógrafos de solenidades e de estúdio

Em especial a Guerino Zanchetta, de dedos manchados de revelador que me fotografou e a muitos castelenses em seu estúdio lá perto da ponte de Niterói

Que luxo supremo, uma fotografia que não fosse de um lambe lambe, uma de estúdio, com direito a pose, papel



QUEM COLHERÁ OS COPOS DE LEITE?

especial, iluminação e pelo menos uma semana para entrega

O fotografando era direcionado a um estúdio e poucos tinham como pagar um fotógrafo de festas, exceção feita a casamentos que eram cobertos por alguns fotógrafos

Em Castelo ter uma foto era algo raro, as máquinas particulares caríssimas e o jeito era recorrer mesmo aos fotógrafos

As solenidades eram fotografadas por quem podia pagar, batizados, primeira comunhão, crisma e casamentos

particularidades, as fotos em monóculos, já coloridas, em sua maior parte vendidas nos grupos escolares onde o aluno era fotografado e recebia duas fotos uma impressa e uma no monóculo, orgulho exibido pela garotada

Outras fotos hoje tão fáceis de serem feitas e de baixo custo, como paisagens, motivos florais ou de natureza e animais eram poucas, custo alto de filme e revelação,

A máquina fotográfica dos profissionais uma Rolleiflex, filmes largos, 12 poses, substituídas posteriormente pelos de 35 mm ´primeiro com doze depois vinte e quatro e trinta e seis poses As de 16 mm foram as ´primeiras pessoais, comprava-se a máquina e depois de tomadas as fotos tudo era enviado ao fabricante que devolvia as fotos reveladas e outra máquina carregada, um sistema de fidelização forçada do cliente

Os fotógrafos ´para não esquecermos dos processos de revelação, ostentavam manchadas de revelador as unhas e as técnicas de revelação incluíam, também, bloqueios de luz para sombreamentos técnicas hoje substituídas pelas ias que fazem este tipo de "revelação"



QUEM COLHERÁ OS COPOS DE LEITE?



24 - OS CATADORES DE PRENDAS

Dedicado a todos aqueles que se dispuseram a servir ao Senhor de uma forma diferente

Em especial aos catadores de prendas e aos moleques que abriram as porteiras para a passagem dos caminhos quando da busca de prendas no interior

Não muito diferente de hoje, as tradicionais congregações religiosas, os templos, benfeitorias e reformas intermináveis das igrejas eram realizadas com doações dos membros das igrejas mas, na Igreja Católica de Castelo, com várias formas de captação dos recursos, campanha do tijolinho, campanha dos vitrais, estas com direito a



QUEM COLHERÁ OS COPOS DE LEITE?

ostentação do nome do doador , assim como os bancos onde se lia em uma plaquinha, doação de fulano de tal ou da família beltrano Os bancos exteriores já ostentavam o nome do empreendimento doador, como por exemplo doação da papelaria x, doação da padaria y e assim por diante uma outra forma, mais rápida, com levantamento imediato de recursos eram os leilões, muito concorridos e com o preço das prendas alcançando duas e até três vezes mais do que valores de mercado mas, para que as prendas fossem ofertadas fazia-se necessário captá-las e aqui entram em cena os catadores de prendas, exauridos os recursos de doação pura e simples da cidade restava partir para a roça captando as "prendas" ou seja, qualquer objeto que pudesse ser leiloado, frango, galinha, ovos, pintinhos, coelho, cabrito, bezerro, feijão, frutas, aipim, milho verde e seco, pássaros vivos, caça viva, pacas, tatus, lagartos, tudo que era possível e lá ia o catador de porta em porta - Louvado seja Nosso Senhor Jesus Cristo!!! , dizia ele e em resposta da casa visitada - Pra sempre seja louvado!!

Bom dia, estamos aqui a mando do Vigário catando prendas pro leilão para construção da igreja matriz, tem alguma pra ofertar (interrogação)

Haviam os cétricos e inquiridores (dois pontos) - Doar pra Matriz lá na cidade e a capela aqui? A resposta já estava na ponta da língua - Tudo é obra de Deus, aqui lá na cidade, mas a capela, logo que a matriz for pronta, recebera a oferta das missões vinda de todo o mundo e da matriz também, mas, é preciso primeiro terminar a Matriz

E, assim, carregado de prendas, ao fim do dia o caminhão coletava os catadores e as prendas os catadores, voluntários e dedicados se acomodavam na carroceria do caminhão, uns já meio entorpecidos pelas inúmeras cachacinhas ofertadas outros de pança cheia dos inúmeros cafezinhos e quitutes



QUEM COLHERÁ OS COPOS DE LEITE?



25 - OS VIGIAS NOTURNOS

Dedicado aos vigias noturnos de antigamente que zelavam pelo patrimônio de seus patrões, sem uniformes, sem salários fazendo "bicos" para sobreviver em especial dedicado ao Sr Noredin, popularmente conhecido como "Seu Noredi", vigia dedicado que a noite zelava pelo patrimônio da família Nemer e famílias adjacentes e, durante o dia, ainda tinha uma jornada vendendo frutas e verduras.

Jornadas extenuantes, calor, chuva, frio, remuneração baixa, escalas sem folga, sem armas, às vezes munidos de um porrete e com muita coragem os vigias enfrentavam as noites. Tempos de menor perigo, sem a quantidade de ladrões e criminosos de hoje e também sem policiais nas ruas.

Os vigias noturnos avulsos, contratados com fins específicos e temporários zelavam por construções,

reprimiram as invasões e pequenos furtos.

Com remuneração baixa, eram obrigados a jornadas diurnas também e, às vezes podia-se ver nas olheiras a necessidade da jornadas duplas, os sábados e domingos também trabalhados.

Na chuva esgueirando-se por baixo das marquises, no frio com roupas muitas vezes puídas e velhas e no calor o suor em excesso e o sono sempre presente, o cansaço duradouro e o desejo do raiar do dia para, em casa, em breve espaço de tempo se jogar no primeiro leito para um cochilo.

Anjos de Guarda, soturnos anjos de guarda, de fundas olheiras o corpo curvado, cansados pais, cansados maridos, trabalhadores incansáveis .



QUEM COLHERÁ OS COPOS DE LEITE?



26- OS CATADORES DE COPOS DE LEITE

DEDICADO AOS TRABALHADORES DE TODO O TIPO

Em especial aqueles que se acidentaram nas lidas duras da roça, das pedreiras, do comércio, carregando pesos e trabalhando sob sol e chuva

Não só de copos de leite, mas de flores silvestres e plantadas, de folhagens e bambus e taquaras Eram vários, abnegados, voluntários e dispostos pois iam de brejo em brejo, de casa em casa, embrenhando-se nas matas para colher as plantas que enfeitariam a igreja e seus arredores, que decoravam os andores dos santos em procissão, o altar da Virgem Maria e do Sagrado Coração de Jesus



QUEM COLHERÁ OS COPOS DE LEITE?

Não tinham paga, salário ou qualquer remuneração apenas o agradecimento de seu vigário no sermão, quando houvesse.

Aqui finalizando este livro, uma recordação de muitas profissões que acabaram ou se modificaram, lembro o esforço necessário, há cinquenta anos idos, para a realização das tarefas, muito mais pesadas, com instrumentos mais rudimentares e essencialmente manuais

Não existiam sindicatos, a justiça do trabalho era a mesma comum, sequer havia fiscalização trabalhista,

A estes trabalhadores resta-nos o reconhecimento por seus trabalhos e, especialmente dedico aos voluntários estes escritos



QUEM COLHERÁ OS COPOS DE LEITE?

POSFÁCIO

Mais demorado do que meu primeiro livro este foi escrito quase que inteiramente dentro de hospitais onde acompanhei minha esposa em sua luta por saúde e vida melhor!

Desde 2016 a ideia de escrever sobre os trabalhadores foi ganhando forma, espero que as histórias e fatos aqui narrados sejam lidos e quiçá, os leitores gostem deles

Em tempos de Inteligência Artificial muitas profissões serão extintas e muitas criadas, espero que ninguém fique desamparado e necessite de auxílios sociais para sobreviver nesta nova revolução